



Fundamentalismo e escatologia: A construção de um projeto simbólico

Marcelo Silva dos Santos

Universidade Católica de Petrópolis

Petrópolis - RJ

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo propor a discussão acerca do fundamentalismo protestante do século XX enquanto manifestação escatológica cujo objetivo de difusão através dos meios de comunicação existentes é o projeto de reação à modernidade e manutenção do poder simbólico da religião. Propagação que se inicia nos Estados Unidos da América e se difunde mundialmente, seja através dos grandes missionários pregadores, seja através da exportação da sua cultura exposta na filmografia “hollywoodiana”.

PALAVRAS-CHAVE: Fundamentalismo, escatologia, poder simbólico.

ABSTRACT: This article has the objective to propose the discussion about the protestant fundamentalism of the twenty century when eschatological manifestation whose objective of diffusion through the existent media is the reaction project against the modernity e maintenance of the symbolic power of religion. Propagation which starts in United States of America and has world wide diffusion, or through the great missionary preaches, or through the exportation of its own culture exposed at the Hollywood movies.

KEYWORDS: Fundamentalism, eschatology, symbolic power.



O termo apocalipse deriva da palavra grega *apokalypsis* (*apocalupsis*) que significa literalmente “revelação”. O texto mais amplamente conhecido acerca deste tema é justamente o “Apocalipse de João”, parte integrante do cânone bíblico. As primeiras palavras deste livro são: *Apokalypsis tou Iesu Christou*, que na tradução em português de Almeida diz: revelação de Jesus Cristo¹. A importância desta primeira afirmação é fundamental, visto que a palavra associada ao Cristo será, semanticamente, a que define a parte da escatologia associada ao “tempo do fim”. Tempo este entendido de formas diversas, seja entre grupos diversos, seja em tempos históricos específicos. A utopia associada ao momento derradeiro do mundo. Em vários momentos se entende enquanto sendo a hora da redenção do homem e do fim dos seus sofrimentos, das dores e das lágrimas. Porém, mais recentemente, em virtude do processo histórico atual, quando, desde a era atômica, passando pela revolução tecnológica, o neo-liberalismo, e as transformações da sociedade a partir de 1968, e, especialmente a divulgação do tema a partir da filmografia “hollywoodiana”, cada vez mais o termo apocalipse se vulgariza e assume a conotação catastrófica². Contudo, o processo de laicização da escatologia encontra suas raízes nos movimentos igualitários originados desde a Reforma Protestante, como Le Goff afirma: “A laicização da escatologia é talvez a primeira e a mais inovadora das metamorfoses da escatologia. Na linha dos milenarismos igualitários, de Thomas Münzer às seitas inglesas”³. A partir do século XVI, a escatologia protestante promove a ideologia revolucionária provocando a intencionalidade de se associar o ideal apocalíptico de ruptura do *status quo*, através de movimentos ativos de algumas camadas sociais específicas, como, por exemplo, a revolta dos camponeses liderada por Thomas Münzer em 1525, as batalhas quase míticas dos hussitas e a constituição da “nova Jerusalém” em Münster pelos anabatistas inspirados por Melchior Hoffmann em 1534-35. Como Mannheim identificou

A viragem decisiva da história moderna foi, do ponto de vista que nos interessa, o momento em que o chiliasmo⁴ uniu as suas forças com as exigências ativas das camadas sociais oprimidas. A própria idéia do advento dum reino milenário na terra, conteve sempre uma tendência revolucionária e a Igreja desenvolveu todos

¹ ALMEIDA, João Ferreira. Sociedade Bíblica do Brasil. Edição Revista e atualizada no Brasil. Segunda edição de 1993. São Paulo. pp. 291.

² LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 449.

³ Ibid.

⁴ Palavra de origem grega que se traduz por milenarismo, *chili* significa mil.



*os esforços para paralisar esta idéia transcendente, usando todos os meios ao seu alcance.*⁵

Desta forma, compreender a escatologia se torna exercício além da teologia, perpassa historicamente e sociologicamente as relações de poder e as reações das camadas sociais oprimidas no momento ao qual a “supremacia” das forças dominantes passa a ser definitivamente questionada.

Contudo, mais recentemente, a escatologia parece perder este seu caráter revolucionário. Esta reconstrução ideológica parece ser produto de efeitos contraditórios, pois, como em primeiro momento os frutos humanísticos advindos da ilustração, do positivismo, da filosofia de Nietzsche e Sartre, entre outros, são percebidos sob a forma de distanciamento dos preceitos e preconceitos religiosos e seus efeitos práticos são claramente percebidos no cotidiano destes últimos séculos. O sentimento religioso, por sua vez, revestido de aparatos teóricos científicos e humanísticos, em nenhum momento perdeu sua penetração no seio da sociedade, proporcionando alento diante dos paradigmas impostos especialmente pelas estruturas capitalistas ocidentais. A intercessão entre estes opostos produzem nos grupos sociais (através de tradições, conceitos, sentimentos coletivos) percepções religiosas encapsuladas sob a forma de senso comum. Sendo assim, a escatologia contemporânea é um misto de sentimentos puramente religiosos que são percebidos de forma consciente, como também sentimento secular inconsciente que aflora diante da perplexidade dos fatos do cotidiano e da fragilidade humana⁶. Esta contradição humana reveste-se de caráter dialético, se de fato percebermos que “na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve”.⁷ Portanto, os conceitos religiosos, ainda que só estes, sem a necessidade de engajamento, são alicerces sociais que permeiam as mentalidades, ainda que não necessariamente produzam efetivamente partidários dos sistemas de religião.

O sentimento escatológico, assim como os demais temas essencialmente religiosos que foram gradualmente perdendo o referencial e respaldo intelectual a partir especialmente

⁵ MANNHEIM, K. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 154-155.

⁶ MAUSS, M. *Psychologie et sociologie*. In: *Journal de psychologie normale et pathologique*, XX: atualmente também in: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaires de France, 1924.

⁷ CLIFFORD, G. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. pp. 67.



da “era moderna”; foi paulatinamente absorvido e secularizado, ou seja, de fato a escatologia foi se adaptando e encontrando caminho em meio à onda humanística e posteriormente na “era pós-moderna”. Exemplos desta absorção são demonstrados através da profusão de manifestações artísticas, especialmente da filmografia e da literatura, nas quais os conceitos teológicos da escatologia são apresentados de forma quase que natural (como se as informações passadas fossem de domínio coletivo) e como a sociedade se apropria destes conceitos. Este sentimento apocalíptico (termo este que será melhor definido posteriormente) pode ser claramente exemplificado através comoção mundial diante do onze de setembro, momento este como sendo de pavor e perplexidade. Palavras como anticristo, “marca da besta”, milênio, provocam reações específicas e distinguem claramente a incorporação e apropriação destes termos na mentalidade contemporânea. Ainda que a escatologia e o apocalipse tenha se tornado sinônimo de angústia e medo⁸ e por vezes de mera curiosidade, seus efeitos podem ser determinantes, especialmente em sociedades protestantes cuja estrutura social ainda mantém marcas morais e religiosas indelévels, como os Estados Unidos da América. Como expressa Le Goff, “se rejeitarmos os credos religiosos, nem as explicações idealistas, nem o simplismo marxista das relações entre infra e superestrutura, conseguem esclarecer esta desconcertante realidade”.⁹

A escatologia segundo o Movimento dos Irmãos de Plymouth

Ao longo do desenvolvimento dogmático da teologia cristã desde o século I, a escatologia sempre esteve presente nas discussões teológicas. Entretanto, sob diversos aspectos, este tema oscilou em maior ou menor importância, ainda que o controle sistemático da produção teórica fosse sendo incrementando na medida em que a institucionalização da Igreja Católica se consolidava¹⁰. A noção escatológica se torna perigosa na medida em que destitui o homem do sentido de futuro ordenado e progressivo, pois a esperança do fim dos sofrimentos e das prisões limitantes da condição humana que serão em breve destituído e novo tempo será instaurado, quando tudo será novo¹¹. Logo, a

⁸ LE GOFF, J. *Idades míticas*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 453.

⁹ *Ibid.* pp. 452.

¹⁰ *Ibid.* pp. 327.

¹¹ *Ibid.*



preocupação com o tempo presente se torna secundária diante da expectativa de dias melhores e perfeitos. Várias seitas surgiram a partir desta perspectiva, baseadas especialmente nas divisões de tempo forjadas ao longo de toda a história da cristandade. Esta noção de tempo histórico parte da premissa cristã de tempo linear, na qual a história tem o começo a partir da criação e segue seu rumo conduzido diretamente por Deus de forma a alcançar o fim por Ele desejado, que consiste em seu reino eterno (sentido teleológico de História para a cristandade). A instauração deste reino se realiza com o fim dos tempos ou o fim da História. Porém, antes do fim, nova era de perfeição e felicidade se dará. Este tempo seria o milênio no qual o próprio Cristo regerá a Terra, e cujo reinado será perfeitamente justo e igualitário. O milênio, que Santo Agostinho compreendeu como uma representação da terrena Cidade Celestial¹², representa o ideal cristão de justiça, paz, amor e todas as demais virtudes que são associadas a Cristo e que são o objetivo piedoso dos cristãos, os quais só serão plenamente realizados, segundo as seitas protestantes, durante este período. Diferentemente da ortodoxia católica e das protestantes históricas, nas quais estas etapas de perfeição só serão realizadas no próprio Céu ou Paraíso. E no caso da primeira propiciadas graças à purificação que se dá com passagem pelo purgatório.

Dentre as seitas que se voltaram para as questões escatológicas, com ênfase especial à questão do chilianismo¹³, uma em especial merece atenção devido a produção vultosa e sistemática com que se debruçou sobre este assunto, assim como a sua grande influência no meio acadêmico teológico contemporâneo. Este grupo é conhecido como o Movimento dos Irmãos de Plymouth. Este movimento se consolida na Inglaterra em princípios do século XIX, e é o produto de influências diversas, entre as quais se enquadram o Movimento Pietista germânico, os moravianos, John Wesley e o jesuíta Emmanuel Lencuza¹⁴. Muitos são os questionamentos deste grupo. Porém, dois se destacam entre os demais:

O primeiro consiste em considerações fundamentalistas acerca da institucionalização das igrejas desde a ruptura da cristandade com a era da chamada Igreja Primitiva (*Ecclesiae primitivae forma*), quando a hierarquização ainda não havia sido instituída. Não havia posições distintas na Igreja. Ancião (presbítero) era sinônimo de bispo, e em nenhum momento estes possuíam primazia sobre os demais participantes do corpo eclesiástico, que a

www.veredasdahistoria.com

¹² AGOSTINHO. *De civitate Dei*, XXII, 30, 5.

¹³ MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 158-159.

¹⁴ NEATBY, W.B. *A history of the Plymouth Brethren*. Londres: Tentmaker Publications, 1901.



propósito era composto por todos (não havia conceitos de leigos e clérigos). Para eles, a única função do presbitério era a de supervisionar e apoiar o grupo em suas necessidades básicas, especialmente as espirituais. Porém, sem nenhuma função intercessora diante de Deus¹⁵.

O segundo compreende a sistematização do tempo histórico através da elaboração de uma nova periodização temporal na qual a relação de Deus com a humanidade se realiza de forma característica em cada um dos períodos históricos¹⁶. Esta teorização passa a ser concebida a partir do que os Irmãos chamaram de dispensações¹⁷. Cada dispensação possui estrutura própria de aliança entre Deus e os homens, sendo que em cada uma, regras e bênçãos específicas são determinadas, e o rompimento da regra, proporciona um castigo e força a passagem para uma nova era, com novas regras e bênçãos. As dispensações são divididas em sete: inocência, consciência, governo humano, patriarcal, lei, graça e milênio.

A era da inocência é a era de ouro da humanidade. Esta compreende a época na qual o homem vivia no Paraíso em perfeita harmonia com Deus. As bênçãos se revelavam através da comunhão direta entre Deus e o Homem e a perfeição da existência humana, sejam na sua imortalidade e saúde, seja no suprimento de todas as suas necessidades, tanto materiais e psicológicas, quanto espirituais. E uma só regra deveria ser seguida, não comer do fruto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal. A desobediência implica em castigo, neste caso, o homem foi expulso do Paraíso, passou a depender do seu próprio trabalho para sua subsistência, tornou-se mortal e o pior de tudo, foi destituído da Graça de Deus.

Desde então, novas era se sucederam. O governo humano compreende o tempo desde Caím até Noé e o dilúvio. A dispensação patriarcal de Sem, passando por Abraão até Moisés. A era da Lei, desde Moisés até João Batista. E a era da Graça, a qual ainda persiste e vai desde a crucificação de Jesus Cristo e sua ressurreição até a sua volta à Terra, quando Satanás será preso, e o reino milenar de Jesus será instaurado, sendo está a última era antes do Fim dos Tempos, quando novos Céus e nova Terra serão criados e o Homem voltará a ter novamente a comunhão direta com o Pai¹⁸.

¹⁵ MACKAY, H.G. *Assembly distinctives*. Scarborough: Everyday publication, 1981.

¹⁶ LE GOFF, J. *Idades míticas*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 327.

¹⁷ MILLER, Andrew. *“Os irmãos” (Como são chamados)*. São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005.

¹⁸ Ibid.



Para os Irmãos, a questão central do processo que se dá durante a era da Graça é a preparação para a próxima era. O princípio básico dos Irmãos é seu fundamentalismo exclusivista em relação às Escrituras. Para eles, desde Gênesis até o Apocalipse, Deus escreve (ou melhor, inspira a escrita) o mesmo enredo, sem variação. Para eles a Bíblia contém um único foco, e este foco é Cristo. Assim sendo, não existe sombra de variação e nem é possível que existam equívocos, erros, contradições, influências, humanidades e outros fatores que possam corromper a verdade bíblica. Mais ainda, ainda que a Bíblia lance mão de recursos de figuras de linguagem, os temas tratados são exatos e reais. Portanto, as narrativas bíblicas de todos os livros canônicos são relativas a fatos e pessoas reais.

O fundamentalismo dos Irmãos precisa, então, explicar de forma satisfatória, a seu ver, o último livro do cânon: o Apocalipse. Visto que o mesmo possui representações relativas ao futuro e não pretéritas, e estas representações são todas expressas através de tipos e metáforas proféticas. O trabalho de adequação da ortodoxia à profecia bíblica se torna um exercício teórico que exige embasamento teológico consistente¹⁹.

Como o conteúdo bíblico é único, todos os demais livros da Bíblia devem concordar e, principalmente, esclarecer o Apocalipse. Portanto, o estudo sistemático da Bíblia irá comprovar que os relatos futurísticos²⁰ descritos no Apocalipse são precisos e se darão exatamente como estão escritos. A partir desta concepção é sistematizada a noção de arrebatamento²¹ (até então não encontrei nenhuma evidência da existência desta hipótese antes da sua formulação pelos Irmãos²²). O arrebatamento seria o evento que precede o momento derradeiro da era da Graça no qual haverá a manifestação do Anticristo e com ele o início da Tribulação²³ de sete anos que antecede a instauração da nova era milenar. Para os Irmãos, a Igreja Verdadeira será removida fisicamente da Terra antes do início deste tempo de terror, desespero e morte. Assim sendo, o foco do cristão deve ser o de se preparar e não ser pego de surpresa por este evento de misericórdia que poupará todos os cristãos

¹⁹ PICKERING, Henry. Chief men among the Brethren. Londres: Pickering & Inglis, 1918.

²⁰ Importante lembrar que existem escolas de interpretação do Apocalipse que julgam que os relatos deste livro são relativos ao tempo da Igreja Primitiva e sua perseguição pelo Império Romano.

²¹ Conceito teológico que afirma que em determinado momento os cristãos (ou parte deles) serão retirados fisicamente e ainda vivos da Terra de forma instantânea, causando espanto e assombro aos que ficarem ainda no mundo.

²² Talvez o jesuíta Emmanuel Lancuza tenha elencado este conceito em seu livro "A vinda do Messias em majestade e glória", mas ainda não foi possível constatar isto.

²³ Outro conceito teológico que determina um período de caos completo sobre Terra, com ondas de destruição causada por cataclismos e morte em massa dos seres humanos.



verdadeiros do sofrimento que virá para colocar a prova toda a humanidade. Andrew Miller descreve assim este evento:

O Senhor Jesus se levanta de Seu Trono, desce do céu, Ele próprio dá a palavra, a voz do arcanjo a transmite, e a trombeta soa. A imagem é militar. Como as tropas bem adestradas conhecem as ordens de seu comandante pelo toque da trombeta, assim o exército do Senhor responde imediatamente à Sua chamada. Todos os mortos em Cristo ressuscitarão, e todos os vivos serão transformados; e todos eles entrarão na nuvem e serão arrebatados juntos, para se reunir com o Senhor nos ares, e assim estarão para sempre com o Senhor.²⁴

Este texto ilustra bem o sentimento propagado pelos Irmãos. Entretanto, ainda que este texto seja carregado de sentimento religioso escatológico, não é possível negar, ainda que de forma ambígua, que não haja uma sistematização teórica baseada em preceitos teológicos e, principalmente, seguindo os textos bíblicos. A produção teórica dos Irmãos não pode ser igualada ainda nos dias de hoje no meio protestante. E sua influência repercute nas mais diversas escolas teológicas e também no meio secular.

Do pré-fundamentalismo ao fundamentalismo do século XX

Determinar o “Movimento dos Irmãos” como sendo o processo desencadeador do fundamentalismo do século XX seria de extrema ingenuidade. Contudo, não podemos ignorar a sua profunda influência. Dos cinco postulados elaborados pela Conferência de Niagara Falls realizado em 1895, considerado por muitos como sendo o marco de “fundação” do fundamentalismo, quatro são os pontos chave de praticamente todos os escritos dos Irmãos, a saber:

- a) A inerrância absoluta do texto sagrado;
- b) A reafirmação da divindade de Cristo;
- c) A pregação da morte e ressurreição de Cristo como garantia da redenção universal;
- d) A proclamação da ressurreição da carne e a certeza da segunda vinda de Cristo.

²⁴ MILLER, Andrew. “Os irmãos” (Como são chamados). São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005. pp 162-163.



O quinto postulado seria a proclamação do nascimento virginal de Jesus, sendo que este tema parece ser inquestionável ou não ser motivo de questionamento, pois não se encontra sua apologia nos seus escritos²⁵.

Além disso, o processo de consolidação do fundamentalismo se realiza com a publicação dos noventa artigos dispostos em doze volumes organizados pelos teólogos da Universidade de Princeton e que levou o nome de *The Fundamentals: Testimony of the Truth*²⁶. E que, posteriormente, levou à promoção da Conferência Mundial dos Cristãos Fundamentalistas em 1919. Dentre os noventa artigos, mais da metade foram escritos por participantes do “Movimento dos Irmãos” ou foram influenciados diretamente por eles, como comprovam as referências em suas obras.

Desta forma, a produção intelectual dos Irmãos se torna um dos elementos centrais da construção do fundamentalismo, e demonstra claramente a batalha que se trava entre os grupos religiosos que se mantêm presos à ortodoxia clássica e os bastiões da teologia moderna e liberal²⁷. Seguindo, portanto, esta linha de raciocínio, podemos concordar também com Hobsbawm em sua obra intitulada a invenção das tradições na qual ele afirma que

*durante os últimos duzentos anos, tem havido transformações especialmente importantes, sendo razoável esperar que estas formalizações imediatas de novas tradições se agrupem neste período. A propósito, isto implica, ao contrário da concepção veiculada pelo liberalismo do século XIX e a teoria da “modernização”, que é mais recente, a idéia de que tais formalizações não se cingem às chamadas sociedades “tradicionalistas”, mas que também ocorrem, sob as mais diversas formas, nas sociedades “modernas”.*²⁸

E, desta consolidação de tradições que estruturam a antiga (nova) ortodoxia, se respalda a luta contra a modernidade, pois

*é preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estruturas de comunidade e autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas, eram rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as “novas” tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas.*²⁹

²⁵ Pace, E., Stefani, P., *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002. pp. 29-46

²⁶ Obra editada por A. C. Dixon e R. A. Torrey é um conjunto de noventa artigos em doze volumes coletados entre 1909 e 1915 publicados pelo Instituto Bíblico de Loas Angeles.

²⁷ Cf. GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 168.

²⁸ HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006. p. 13.

²⁹ IBID.



Portanto, a partir desta construção e principalmente diante da formulação do projeto de espargir por todo o mundo civilizado o ideal fundamentalista a partir da conquista dos Estados Unidos, o legado dos Irmãos se propaga de forma abrangente e determinante.

A secularização da escatologia

Escrituras, oráculos e profecias orais são comuns à maioria das religiões, que são as formas pelas quais as divindades manifestam a sua vontade e revelam os seus próprios segredos³⁰. Como já vimos anteriormente, conceito de “apocalipse” atualmente é percebido como sinônimo de fim do mundo, impulsionado, de certa forma pela expansão dos armamentos nucleares e da guerra fria, fatos estes precedidos pelas duas grandes guerras mundiais. Entretanto, esta associação do termo apocalipse ao entendimento de fim do mundo se dá a partir do que Le Goff chama de laicização da escatologia³¹.

Este processo de laicização pode ser representado, de certa forma, pela percepção contemporânea de ruptura constante com o passado próximo. Tanto mudanças no sentido *latu*, quanto no *strictu*. Seja nas revoluções dos séculos XIX e XX, seja nos protestos idealistas dos hippies ou da juventude francesa da década de 60. A mentalidade da mudança, da transgressão do *status quo*, da esperança em um mundo melhor, são reflexos dos preceitos inconscientes construídos a partir de fundamentos escatológicos, cujo essencial é a espera. E a espera por algo melhor. Segundo Marcel Mauss, “Permitam-me assinalar um fenômeno, em relação ao qual precisamos dos vossos conhecimentos, cujo estudo é da maior urgência para nós e que supõe a totalidade do homem... a espera”³².

A contribuição do Movimento dos Irmãos perpassa esta espera, mas vai além. Esta compreende algo que passa despercebido por este tipo de análise proposta por Le Goff, pois parece insuficiente para explicar a insistência dos credos religiosos em arrebatam contingentes cada vez mais expressivos de massas humanas. O que ainda é capaz de determinar os rumos políticos de nações em expressivo grau de desenvolvimento material e humano, como os Estados Unidos da América.

³⁰ LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 438.

³¹ *Ibid.* pp. 449.

³² MAUSS, M. *Psychologie et sociologie*. In: *Journal de psychologie normale et pathologique*, XX: atualmente também in: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaires de France, 1924.



Os conceitos escatológicos básicos parecem, em primeiro momento, imperceptíveis quando analisamos os aspectos gerais das sociedades ocidentais, especialmente a americana. Entretanto, a reincidência de produções artísticas com alusões diretas à estes conceitos, permite-nos concluir que de alguma forma, a mentalidade religiosa associada ao Apocalipse está presente e faz parte da consciência de alguns grupos sociais que absorvem e consomem este tipo de mensagem. E estes grupos são representativos, ainda que latentes. Conforme Karl Mannheim percebeu, “A estrutura interior da mentalidade de um grupo, nunca pode ser apreendida tão claramente, como quando nos esforçamos por compreender a sua concepção de tempo, à luz das suas esperanças, aspirações e desígnios. Uma dada mentalidade não ordena apenas os acontecimentos que, à primeira vista, se apresentam como simples acumulação cronológica, adquirirão, deste ponto de vista, o caráter de destino”.³³ Portanto, a elucidação da influência da percepção escatológica fundamentalista pode representar a constatação da permeabilidade dos processos sociais contemporâneos, que se permitem ambíguos no seu processo de secularização, pois também não abandonam de vez o credo religioso, ainda que sem nenhuma forma de engajamento. Ou seja, o homem contemporâneo ocidental vive como ateu, mas ainda pensa como cristão e se entende como tal.

Conclusão

Jacques Le Goff sugere que

*para o historiador, o estudo das escatologias torna mais urgente a tarefa de distinguir História e história, devir histórico e ciência histórica. No seu domínio próprio, a inteligibilidade científica da evolução das sociedades, o conceito de escatologia e os fenômenos escatológicos convidam o historiador a alargar as investigações e novas problemáticas históricas e a estudar esta porção ainda virgem em grande parte, ou mal começada a decifrar, do domínio das mentalidades e dos sentimentos limitados por este conceito e estes fenômenos.*³⁴

Além disso,

*A escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na história, a espera e sua variante religiosa, a esperança.*³⁵

³³ MANNHEIM, K. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 151.

³⁴ LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 452.

³⁵ *Ibid.* p 453.



Duas considerações são necessárias partindo destas citações: em primeiro lugar, mais de vinte anos se passaram desde que estas linhas foram escritas, e, talvez esta “virgindade” relativa ao estudo aprofundado acerca da escatologia já tenha sido rompida. E, em segundo lugar, o caminho aberto por Le Goff pode render frutos consideráveis para a historiografia contemporânea.

Entretanto, se faz necessário o aprofundamento da pesquisa acerca do peso de influência da escatologia cristã no mundo ocidental contemporâneo, especialmente no que tange a repercussão da teologia elaborada pelos Irmãos de Plymouth. Pouco ou quase nada se conhece deste grupo no Brasil. Entretanto, os reflexos escatológicos propagados pelos mesmos se fazem perceber de forma notória e incontestável.

Portanto, se debruçar sobre o estudo de processo tão específico se torna especialmente importante diante da capilaridade da simbologia escatológica contemporânea e suas idiossincrasias que insistem em sobreviver e que permeiam o cotidiano, especialmente dos americanos, para os quais o discurso religioso ainda se mantém vivo e, por vezes, determinam as relações de poder que constituem o processo político estadunidense. Se consideramos que Barack Obama teve seu maior revés relacionado ao seu “mentor” espiritual e que tão logo se definiu enquanto candidato democrata, seu primeiro discurso foi realizado na Igreja de Rick Warren na Califórnia (uma das maiores do EUA), percebemos o quanto a religiosidade e suas vicissitudes apologéticas e escatológicas permeiam o domínio simbólico e afetam diretamente a política mundial.

Desta forma, escatologia pode ter perdido por ora seu cunho revolucionário, ainda que se mantenha extravagante. Porém, sua forma caracteriza em parte o homem contemporâneo em busca de seus ideais e a partir desta se metamorfoseia pela incorporação da antecipação do “milênio” na sua diletta vida presente. A cidade de Deus aqui e agora. Não mais em suas virtudes, mas nas suas bem-aventuranças.



BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. *De civitate Dei*, XXII, 30, 5.

CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LE GOFF, Jacques. “*Idades míticas*”. In: **ROMANO, Ruggeiro (editor)**. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 1.

_____. “*Escatologia*”. In: **ROMANO, Ruggeiro (editor)**. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 1.

MACKAY, Harold G. *Assembly distinctives*. Scarborough: Everyday publication, 1981.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MAUSS, Marcel. *Psychologie et sociologie*. In: *Journal de psychologie normale et pathologique*, XX: atualmente também in: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaires de France, 1924.

MILLER, Andrew. “*Os irmãos*” (*Como são chamados*). São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005.

NEATBY, William B. *A history of the Plymouth Brethren*. Londres: Tentmaker Publications, 1901.

PICKERING, Henry. *Chief men among the Brethren*. Londres: Pickering & Inglis, 1918.

WENSINCK, Arent J. The semitic new year and the origin of eschatology. In: *Acta Orientalia*, 1. 1923.